



Galeria FUNARTE  
Sergio Milliet

Rua Barão de Marquês  
539



Galeria FUNARTE  
Sergio Milliet

Rua Barão de Marquês  
539



— 12 de fevereiro de 1980, entrevista com o Sr. HÉLIO MELO, pintor, acreano, aqui na Delegacia do SESC em Rio Branco.

**Há quanto tempo o senhor pinta? Quando o senhor começou a pintar? A desenhar?**

Desde 12 anos, já tinha aquela vocação para o desenho. Já desenhava alguma coisa a lápis. Chegando a Rio Branco, desenhava a lápis e depois passei para nanquim. Com essa tinta fiz mais serviços e foi com ela que achei que o serviço ficou mais idêntico. Assim acertei com a qualidade da tinta, e não quis mudar para outra tinta.

**O senhor chegou a Rio Branco há quanto tempo?**

Cheguei aqui em 1959.

**Seu Hélio, o senhor hoje vive de pintura? Sua profissão é pintura, ou o senhor faz outra coisa?**

Não, eu tenho o meu emprego, e vou dizer, de pintura eu quase não tenho nenhum lucro. Contanto que eu tenho às vezes trabalhado e tenho dado de presente porque acho que não compensa, não paga o meu trabalho, eu vejo que não paga o meu trabalho e acho melhor dar de presente que eu mesmo vender por pouco dinheiro.

**O senhor trabalha em quê? Qual o seu emprego?**

Trabalho na Codisacre. Sou vigia de lá.

**Seu Hélio, antes do senhor vir para Rio Branco, antes de ser vigia, o senhor fazia o quê? Qual era a sua ocupação?**

Eu quando cheguei a Rio Branco, o primeiro trabalho que eu fiz foi uma catraia em 59. Reimei 11 anos de catraia, depois chegou o progresso e a ponte veio aí, fiquei naquela situação difícil, sofri um pouco, mas graças a Deus venci. Agora já estou com 4 anos que eu estou empregado nesta Companhia que é a Codisacre.

Com muita dificuldade que arrumei esse emprego e ganho Cr\$ 3.500,00, mas dá pra ir passando.

**Antes do senhor vir para Rio Branco o que o senhor fazia? Qual a sua profissão?**

Cortava seringa e cortei muito tempo. Trabalhei como seringueiro e como seringalista. Nós morávamos e tínhamos uma pequena parte do seringal Senápolis.

**Onde ficava o seringal Senápolis? Em Boca do Acre?**

É perto de Boca do Acre.

**Como seringueiro o senhor ficou sempre naquela região de Boca do Acre?**

Certo.

**Quando o senhor veio para Rio Branco trabalhava na catraia, o senhor fazia travessia ou remava aí por dentro, por esses lugares mais distantes?**

Não, só mesmo na travessia.

**Seu Hélio, a sua pintura é muito marcada pela sua vida no seringal, seus temas, o seu desenho é muito ligado a isso, fale um pouco dessa vida. O que ficou pro senhor?**

É isto que eu quero falar um pouco. A minha vida, que passei no seringal, não tive a oportunidade de estudar, fiz até o 3.º ano. No desenho eu apresento alguma coisa que eu não tenho palavras para falar. No desenho eu apresento a minha vida. Aquele detalhe do seringal, aquele sofrimento todo é isso que apresento no meu desenho.

**Da vida de seringueiro, da sua vivência no seringal, o que mais o senhor apreciou? Se o senhor for contar uma história sobre esse tempo, de que o senhor se lembra de mais importante, mais marcante desse tempo de menino?**

Olha eu tenho muita coisa pra contar sobre a vida no seringal. Para o seringueiro a vida é mais pesada, mais dura. Eu acho que de todos os trabalhos, o mais pesado seja o do seringueiro, seja o mais humilde, o mais massacrado pelos próprios patrões.

**Seu Hélio, em um de seus quadros a gente nota uma imaginação muito grande. O senhor coloca cachorro em árvore, situação assim meio fora da realidade. Fale dessa fantasia que existe no mundo do seringueiro! Se é uma coisa que está na sua cabeça só, ou se dentro do seringal existe muita visão fantástica das coisas. Como é isso?**

Nada, aquelas coisas que eu pinto, coisas trepadas em árvores sempre têm um sentido. Tenho muitos desenhos que vão viajar para o Rio de Janeiro, tem coisas que muitas pessoas nunca ouviram falar. Feixo de estrada, quem é que ouviu falar em feixo de estrada? São coisas que ficam muito difíceis que só eu mesmo posso dizer o que é. Sobre animal trepado na árvore, como por exemplo o cavalo trepado, não faço isso por uma brincadeira, tem algum sentido, boto no desenho o que não posso falar.

**Não, mas fale.**

Sim, por exemplo: o animal, o cavalo lá trepado na árvore, são dois desenhos. Uma árvore não tem escada, logo em seguida no outro desenho o cavalo trepado na árvore e tem escada. O homem olha e vê o cavalo trepado que dá um grande sentido, coisas que eu conheci no meu tempo: capitão, coronéis compravam patente, o sujeito não era de nada, mas ele tinha qualquer título, ele comprava a patente, então, eu fiz a comparação com o cavalo lá em cima da árvore sem escada, sem nada, o povo subia sem precisar disso. Para a vida de hoje o desenho de mais sentido é aquele que tem escada. Eu falando no sentido do desenho, é o meu pensar. Hoje tem escada. O burro já sobe, mas tem escada. Na realidade o burro não sobe, mas ninguém pode dizer que ele não subiu a escada. Pois esse assunto dá muito sentido sobre os meus desenhos.

**Seu Hélio, o senhor mostrou os seus desenhos para muita gente que gosta de pintura. Eu gostaria de saber o que seus companheiros mais antigos acham de seus desenhos. Como eles vêem isso. Como é que um homem que viveu como o senhor lá no mato, naquilo tudo, como eles entendem seu desenho?**

Quase todos, até aquelas pessoas que trabalhavam naquela profissão, que diga: rapaz o

teu serviço está errado, você fez isso aqui e não ficou certo, todos acham que sobre a vida do seringueiro, todo o detalhe, os meus desenhos tenho muita coisa a falar. Não estar ou talvez só a metade dos meus desenhos, só a metade está bem. Dar explicação sobre os desenhos. Pois muitos desenhos que eu via sobre a vida do seringueiro eu olhava e achava que faltava alguma coisa. Muitas pessoas desenhavam mas nunca viveram aquilo. Então a pessoa que já viveu aquele trabalho pode desenhar o seringueiro idêntico, a mata como que ela seja real. O seringueiro raspando a seringa, desenhos que eu tenho e muitos que não conhecem isso dizem: — pra quê que serve esse negócio de raspar seringa. O feixo de estrada. Eu tenho e faço questão de mostrar uma maquete que fica bem explicada, a casa do seringueiro, a defumação, a estrada como é.

**Quântos desenhos o senhor já fez sobre esse tipo de coisa?**

Já fiz mais de 30 sobre isso.

**Seu Hélio, eu gostaria que o senhor falasse sobre a técnica que o senhor usa. O tipo de material que o senhor utiliza e como é que o senhor chegou até esse material, quem foi que lhe ensinou, ou o senhor descobriu sozinho?**

Eu desenhava só com um lápis, todos viam e admiravam mas eu achava que estava faltando alguma coisa. Fui fazer um curso com o Genésio, foi uma pessoa que disse, somente um pouco de sombra está faltando no seu desenho, mas você tem uma técnica diferente e não sei como é que você faz isso a lápis. Genésio me incentivou e disse: — Será que com essa tinta nanquim o senhor faz alguma coisa? Fui fazer um teste. Levei a tinta pra casa e lá já fiz diferente do que ele me ensinou. Misturei com água e fui misturando e trocando o ingrediente.

**Que tipo de ingrediente?**

A água, eu modificava com a água, ia ficando uma sombra mais clara, outra mais escura. Mostrei para o Genésio e ele disse: — Rapaz que tinta é essa? É diferente. Eu disse: — Não, essa tinta é nanquim. Ele acreditou porque eu falei pra ele como eu misturei e que o desenho ficou diferente. Fui tendo o cuidado, procurando outras cores e hoje só trabalho com o nanquim, com a maior facilidade e não quero trocar de tinta, porque o nanquim é uma tinta tão segura, pode passar mais de ano que não muda de cor, é sempre fixa.

**O senhor passa alguma coisa para fixar o seu trabalho? O senhor passa algum tipo de verniz por cima do desenho?**

Passo sim, eu passo o verniz bem fraquinho que é para segurar bem a tinta. Ela pode sujar e você pode lavar. Estes quadros que eu faço, dou garantia, nem mesmo o sabão tira. Isso foi criação minha.

**Gostaria que o senhor falasse mais sobre esse processo do senhor, desta tinta que o senhor faz de uma maneira muito particular. Gostaria de saber o uso de flores, de folhas, de casca de árvores, fale sobre esse material, como é que o senhor mistura?**

Comecei a procurar e todas as árvores que eu ia pegando as folhas, dissolvia, experimentava porque a qualidade de tinta, a própria do material dava na mata, ela segurava no papel, ela não dá bolha, ela é uma tinta fixa. O sumo dela fica idêntica uma brilhantina.

**Como o senhor tira o sumo dessa planta?**

Pisando, depois espremo. Uma outra qualidade de planta que já fiz um desenho como ela

mas não consegui nada mais, é uma tinta roxa e um róseo, tenho agora uma tinta amarela e verde. Nestes desenhos que vão para o Rio, tem três desenhos, a pessoa olhando nota a diferença dos desenhos do nanquim para a outra.

**A maioria de seus desenhos mostra um crepúsculo, parece o dia amanhecendo, o entardecer, existe uma razão especial para isso ou só um problema da tinta que o senhor dispõe que dá esse tipo de coisa?**

É uma coisa especial. Muitos ficam admirados, pensam, como é que eu faço aquela luz, aquela cor.

**O senhor parece ser uma pessoa de muita sensibilidade, o senhor toca também alguns instrumentos musicais, fale um pouco dessa faceta, como o senhor chegou a isso?**

Eu no tempo de crianças, nunca tive oportunidade, fui aprender depois de uma certa idade.

**O senhor tem muitos irmãos? Sua família era muito grande?**

Tenho, é muito grande. Quando apareceu o violino, já estava com idade de 18 a 20 anos, o instrumento que eu gosto é o violino. Eu toco violino. Eu posso dizer que aprendi a pintar e a tocar violino sozinho, sem mestre, tocar violão não, porque a pessoa vê fazer uma posição e faz a mesma e aprende.

**O senhor já ganhou algum dinheiro com suas pinturas? Por que hoje o senhor está cobrando um preço que começa a ser razoável por seu trabalho, já lhe rendeu alguma coisa?**

Muito pouco como eu já falei, muitas pessoas não queriam dar valor ao desenho, então eu achei em muitas vezes dava o desenho de presente para não vender por pouco mais ou nada. Hoje faço um desenho e penso: devo valorizar meu trabalho porque se a gente não valorizar todo mundo quer o mesmo de graça e pronto perde o valor. Hoje eu faço um quadro, como há poucos dias vendi um por Cr\$ 2.000,00 e com a ajuda do SESC, esses desenhos meus, o SESC tem dado grande ajuda, com essa cooperação eu tenho esperanças que esses desenhos indo lá para o Rio seja bem acolhido.

**No seu entender como o senhor vê essa exposição dos seus trabalhos lá no Rio? O que representa para o senhor essa exposição?**

Olha eu não posso falar nada mas espero que todos gostem, pois admiram meu trabalho, aquilo que faço, trabalho com o nanquim, com diversas cores, mistura de tinta com o próprio nanquim. Repare nos meus desenhos que têm diversas qualidades de tipo de desenho sobre as cores, sobre mistura de cores.

**O que estou querendo saber é o seguinte, como é que vou explicar. O senhor acha que vai mudar muito a sua vida, enquanto pintor aqui no Acre, pelo fato de ter feito esta exposição lá, o senhor acha que vai lhe favorecer de alguma forma?**

Talvez, tenho esperanças, não sei.

**Quantas exposições o senhor já fez?**

Eu já participei de umas 4 exposições.

**Todas aqui no Acre?**

Não, 3 no Acre e 1 em Brasília.

**Essa de Brasília foi coletiva, o senhor era um dos participantes?**

Sim, eu era um dos participantes.

**Fora daqui essa exposição sua é a primeira? Mas exposição só minha mesmo, eu não fiz nenhuma, só participei. Essa é a primeira.**

**Gostaria de saber a opinião de outros pintores sobre seu tipo de trabalho. Essas exposições de que o senhor participa com outras pessoas, o que seus colegas acham de seu trabalho?**

Sempre eles têm admirado o meu trabalho. Às vezes perguntam como é que eu trabalho com a tinta, se é com pincel, e eu digo que é com pincel e caneta, não tem outro material.

**O senhor tem filhos?**

Tenho.

**Quantos?**

São 5 filhos.

**Algum de seus filhos faz esse tipo de arte com o senhor?**

Tenho uma filha que é muito inteligente sobre esse assunto: o de desenho. Às vezes estou fazendo um desenho e ela só em olhar diz que o desenho não está bom, que está faltando luz. Ela tem sua queda para o desenho.

**Que idade tem ela?**

Ela tem 17 anos. Ela não tem vocação para esse tipo de desenho mas tem para outro tipo de desenho, ela abre letra e outras coisas.

**Fora desse tema de selva, seringa, da vida do seringueiro, o senhor desenha outra coisa também? Tem outro tipo de desenho?**

Fora do desenho?

**Se o senhor desenha outro tipo sem ser esse tipo de seringa.**

Não, o importante de cada um é ter seu estilo de trabalho. Meu estilo é esse. Se eu for copiar, fazer imitação de outro desenho de um colega sou capaz de acertar aquele mesmo estilo de trabalho dele, mas não, não é importante, o importante é cada um ficar com o seu. Não é importante eu copiar o trabalho do Genésio, do Danilo, isso não é importante, o importante é eu ficar no meu trabalho com o meu estilo.

**Não falo só no estilo, é no assunto também. Vou perguntar de outra forma. O senhor falou que desenha há muito tempo, desde quando o senhor começou com lápis; desde quando o senhor acha que seu desenho apurou, desde quando ficou em condições de expor,**

**como vai ao Rio?**

Depois que eu fui fazer esse curso com o Genésio.

**Isso foi quando?**

Foi quando fui fazer esse curso com o Genésio e ele viu meu desenho, meu trabalho e escreveu alguma coisa no jornal a meu respeito. Com o incentivo do Gregório foi quando apareceu meu trabalho. Antes meu desenho era uma coisa oculta. Eu fazia muitos desenhos para esses alunos de aula e eles tiravam 10. Eles quando queriam tirar 10 pediam para eu fazer os desenhos.

**Que tipo de desenhos o senhor fazia para esses alunos?**

Todo tipo de desenho. Eles diziam o tema por exemplo tirante e eu fazia. Eles tiravam 10, 9,5 e ficavam satisfeitos, mas meu trabalho não aparecia. Muitos colegas diziam que com esse trabalho de desenho eu ia morrer de fome, isso não dá futuro a ninguém, mas duas coisas que eu sempre admirei é o desenho e a música. Pessoa que admira a música e o desenho acho uma pessoa com vida.

**O senhor vai ao Rio acompanhar sua exposição. É a primeira vez que o senhor vai ao Rio?**

É a primeira vez.

**O senhor foi a Brasília acompanhando a outra exposição?**

Não.

**O senhor já saiu para visitar outros Estados? Só a Manaus.**

**Quer dizer que essa é a primeira vez que o senhor vai ao Sul?**

É a primeira vez. Brasília foi os meus desenhos, mas eu não fui.

**O senhor vai viajar com o Grupo GRUTA?**

Sim, vou até São Paulo.

**Vai fazer um trabalho musical?**

Sim.

**Vai tocar violino na peça SUARENTOS?**

Sim, na peça SUARENTOS.

## “A propósito de Helio Holanda Melo ou A beleza da luz observada”

Luta feroz e constante, dissabores, a dureza social que o temperou. Frederico Moraes já comentou anteriormente esse aspecto, mas de Helio Holanda Melo e sua vida, dá conta ele mesmo em entrevista farta acordada ao SESC em fevereiro de 80.

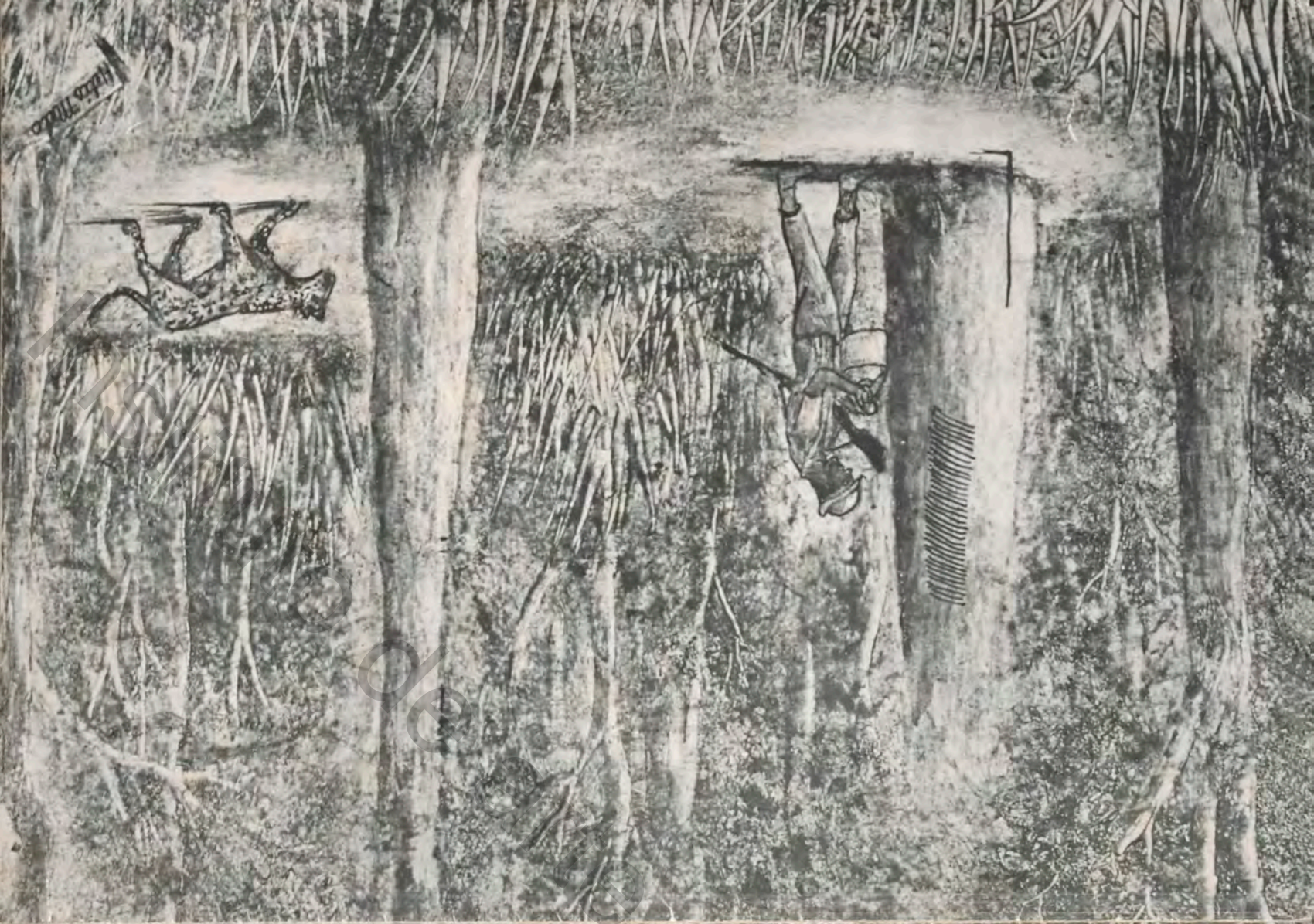
Pela mesma, entre outras coisas, ficamos sabendo que é também músico e optou pelo violino como instrumento. Argumentou ainda de modo pertinaz sobre essa escolha. Ora, do seringal ao violino — que nos dizem ter uma ‘alma’, chave bastante misteriosa e complexa — esse caminho ele percorreu, e o fato em si prova uma sensibilidade que talvez já o destine para uma vocação de superior qualidade.

A prova dessa qualidade superior, quando desenha ou pinta com luz — não me atreveria a definir — eu a encontrei numa sua exposição ano passado no SESC da Tijuca. Em todo caso, ali por ele soube dessa luz que tirou da floresta, aquela que põs nos seus desenhos e logo nos oferece, ensina, obriga a ver.

Caso de simbiose estética com a mata em que viveu? Assim se explicaria naturalmente esse fenômeno, sem dar conta todavia da sua motivação profunda em conhecer, pelo trabalho de arte, os meandros luminosos que soube perceber: por exemplo a imanência complexa da luz suntuosa, curiosamente definida com a maior precisão em desenhos de sábia naturalidade. Assim o limpo alvorecer, o lento achegar do escuro noturno, as travessuras da luz nas ramarias e o seu pouco efêmero na textura rouca dos troncos; as clareiras luminescentes, os suaves abrigos da sombra, os finos percursos e os amplos espaços que, plenamente, a luz de Helio Melo ocupa.

Essa luz da mata provavelmente existe por lá, mas a que aqui vemos nos vem de Hélio, seringueiro, seringalista, Mestre Artista Maior da floresta, nosso amigo, obrigado.

SERGIO CAMARGO  
Julho, 1981



Exposição de  
**Helio Melo**  
de 5 a 17 de agosto de 1981

### MINHA VIDA

*"Nasci no ano de 1926 Vila Antimary municipio de Boca do Acre Amazonas.*

*Filho de gente pobre umilde meu pae chama-se Alberto era surdo com tanto que minha mae era a chefe da casa que resolvia todo negocio Chama-se Ritinha Somos quatro irmãos dois homens duas mulheres.*

*Moramos no Seringal Nova Floresta propriedade de meu Avô Joaquim de Melo Aos 8 anos de idade passei a morar no seringal Senapoles o qual minha mae era Herdeira de uma pequena parte do mesmo.*

*La foi meu torrão onde passei minha vida a lutar por nada Minha mae me encinou a estudar começando o ABC até o primeiro livro la existirá tantas crianças sem estudar então minha mae falou com o Prefeito de Boca do Acre e mesmo conseguirá mandar uma professora lecionar foie essa minha oportunidade aprendi pouquinho Seis meses de estudo.*

*No tempo da palmatoria quando eu tirava saldo nos meus colegas, na hora da matematica era so o que eu sabia bem.*

*E o importante foi o final das provas aquela saladada, a professora era minha madrinha e eu ainda hoje lembrame que ela disse; faz de conta que voce fez o terceiro ano mais na realidade voce não tinha possibilidade de passar Dahi por diante me dediquei ao trabalho a partir do corte da seringa a quebra da castanha serrar madeira enfim uma seris de couzas.*

*Enfrentei perigos sem conta que hoje me sinto honrado contar a historia de uma luta vá principalmente a do seringueiro.*

*Até aos 11 anos e esta a minha istoria." Helio Melo.*

GALERIA FUNARTE Sergio Milliet  
Inauguração dia 5 às 18h  
Rua Araújo Porto Alegre, 80 - Centro - RJ